

GÊNERO E NACIONALIDADE EM SALA DE AULA: PRÁTICAS QUE ESTUDAM AS DESVANTAGENS DE SER INVISÍVEL

LAÍS SILVA GARCIA¹; AMANDA APARECIDA SILVA DA COSTA²; ALINE COELHO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas – laisg16@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amandaascosta20@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado, inicialmente, da disciplina de *Estágio de Observação-Língua Espanhola* e continuada na disciplina de *Estágio de Intervenção-Língua Espanhola* ofertadas no quinto e sétimo semestres aos estudantes de Letras-Português e Espanhol da Universidade Federal de Pelotas (UFpel), elaborado em colaboração com a colega Amanda Costa, a qual desenvolveu o projeto intitulado “Ensino do Espanhol e a quebra de estereótipos: Raça e cultura em sala de aula de Língua Estrangeira”, este trata-se de uma ramificação do presente trabalho, direcionado às questões de estereótipos e representações no que concerne à raça e cultura, além do ensino contextualizado de Língua Espanhola. Os dois projetos são orientado pela professora Aline Coelho. Assim, em um primeiro momento, este trabalho contou com um relato sobre as impressões e reflexões, em especial, relacionadas às questões de estereótipo de gênero em sala de aula de Língua Estrangeira. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), aprender uma LE é uma forma de aumentar a percepção de linguagem do aluno, seu funcionamento e estrutura, seja na língua materna ou na LE. Também, o ensino de LE proporciona o contato com outras culturas e o reconhecimento de outros discursos, a fim de melhorar a percepção do próprio contexto cultural e, com o auxílio do professor, o aluno pode engajar-se dos discursos da sua cultura e os da cultura do Outro, de modo a poder agir sobre o mundo social (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é a de utilizar a língua espanhola como uma ferramenta de reflexão cultural acerca dos papéis, estereótipos e representações de gênero por alunos das turmas de sexto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jeremias Froes, ministradas pela professora responsável pela Língua Espanhola na escola, Carolina Lautenscheläger. De modo específico, o trabalho propôs (i) exercitar a reflexão de elementos culturais que constituem as representações de gênero desde a infância até a fase adulta; (ii) promover o contato do aluno com os diversos tipos textuais em língua espanhola; (iii) instigar a criticidade dos alunos a partir da discussão dos materiais propostos em sala de aula; (iv) desenvolver as competências de escrita, fala, audição e leitura por diferentes textos e; (v) incentivar os alunos a refletirem sobre seus costumes e suas perspectivas sociais relativos às representações de gênero a partir do Outro, sejam seus companheiros, professoras ou familiares.

Esta construção partiu das considerações obtidas durante a disciplina de Estágio de Observação – Língua Espanhola, a qual foi realizada também com duas turmas de sexto ano da mesma escola. Naquele contexto, havia uma professora (Carolina Lautenscheläger) preocupada em discutir diariamente aspectos culturais

e os temas transversais ao mesmo tempo que existiam alunos resistentes à novos discursos. Assim, este trabalho também vem como aliado ao movimento já desempenhado pela professora.

2. METODOLOGIA

Foi realizada, ainda no período de 2017/1, uma pesquisa de campo a partir da observação de doze aulas em duas turmas de sexto ano, seis aulas para cada turma. Usamos um suporte teórico que balizou nossa observação que se voltou para os aspectos de gênero e cultura proporcionado ao decorrer do curso de Letras-Português e Espanhol da Universidade Federal de Pelotas, além de bibliografia própria para a construção deste trabalho que tratavam da questão cultural na sala de aula de LE, como Nardi (2007) e Pereira (2007). Durante as aulas observadas, foram realizadas diversas anotações referentes aos pontos mais significativos apontados pela pesquisadora, além do registro através de imagens. O suporte teórico aliado às observações formaram reflexões e deram vida ao Relatório de Estágio (meio avaliativo da disciplina), o qual foi essencial para a construção da segunda etapa: a oficina *Género en Clase*.

A oficina foi planejado a partir do mês de março e executada nos meses de maio e junho. As 12 horas da oficina foram divididas em 6 semanas, assim, em uma semana foram aplicadas 2h/aula: uma para o sexto ano A (A6A) e a outra para o sexto ano B (A6B), nas terças e quintas-feiras, respectivamente. A partir de maio, a preparação, execução e avaliação de *Género en Clase* ocorram concomitantemente, afinal, a partir das respostas das turmas à execução de um plano foram reconfigurados os demais, também, a avaliação do grupo era realizada no momento da aplicação do plano de aula.

Essencialmente, o projeto contou com a discussão e reflexão de tarefas realizadas em grupo ou individualmente, as quais foram embasadas em textos norteadores, sejam orais, escritos ou visuais. Estas discussões foram divididas em dois momentos: (i) papel da mulher e do homem nas relações familiares e; (ii) representações de gênero na infância/adolescência/fase adulta. Para cada momento foram disponíveis 2h/aula: um para o A6A e outro para o A6B. O mesmo plano de aula foi aplicado aos dois grupos, assim foi possível fazer considerações acerca do desenvolvimento do tema por alunos regulares (A6A) e irregulares (AB6) –questão levantada durante o processo de análise das aulas no Estágio de Observação-. O professor teve a função de apresentar o texto e mediar as discussões acerca do material, a fim de que o aluno tenha papel ativo na construção do conhecimento proposto em cada atividade.

O principal intuito deste projeto é o de trabalhar relações de gênero por um viés cultural, no entanto, pensando em uma aula de LE, o projeto também propôs, por meio da variedade de tipos textuais, desenvolver as competências oral, escrita, de leitura e escritura em Língua Espanhola, e contou com o apoio de diversas ferramentas, como Datashow, televisão, caixa de som, folhas, canetas, imagens de capas de revistas, imagens de brinquedos, livros de história em quadrinhos, músicas e vídeos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro momento do Projeto propôs, inicialmente, a apresentação do vídeo “Impossible Dream”, o qual mostra a rotina de uma família e seus afazeres

domésticos. Já nesta apresentação, foi interessante perceber os pequenos comentários dos grupos. Tanto o sexto ano A (A6A) quanto o sexto ano B (A6B) comentavam “coitada!”, “isso é escravidão!”. Após a reprodução do vídeo, foi proposta uma discussão que intuía direcionar a atenção dos alunos ao tema do vídeo. As perguntas norteadoras eram, entre outras “¿Quién son los miembros de la familia?; “¿Qué hace cada uno de ellos?”. Em seguida, os alunos receberam uma folha com todos afazeres domésticos apresentados no vídeo em que eles deveriam dizer quais eram feitos por mulheres, homens ou eles mesmos. No fim, fizemos uma contagem dos números e uma discussão acerca dos papéis de cada gênero em uma rotina familiar.

Esta atividade foi importante para que vissemos a realidade do vídeo sendo transpassada para a realidade de quase todas as famílias das turmas. Em números, apenas 3 alunos de um grupo de 28 (unindo o A6A e o A6B) tinham tarefas domésticas feitas majoritariamente por homens, em 1 caso era o próprio aluno que as executava.

A segunda atividade proposta para as duas turmas começou com uma discussão acerca de brinquedos e brincadeiras “de menino” e “de menina”, em seguida os alunos executaram a leitura da história em quadrinhos “De igual para igual” da PLAN Desafio da Igualdade, a qual contava a história de meninas que faziam uma intervenção na escola por não poderem jogar futebol com os meninos já que, segundo seus colegas, futebol não era para meninas. Por último, foi realizada uma discussão acerca do que foi dito no primeiro momento da atividade e sobre a mensagem da história em quadrinhos. Nesta atividade, muitos alunos se posicionaram quanto ao fato de não existirem mais brincadeiras destinadas para meninos ou meninas, no entanto, a maioria dos meninos não brincam “de casinha” ou de boneca.

Refletir sobre questões de gênero em sala de aula é, essencialmente, pensar e dar voz às diferentes identidades presentes no contexto escolar. Estas, por sua vez, muitas vezes são ignoradas por estes conceitos pré-estabelecidos socialmente. Nardi (2007) diz que criar estereótipos é um modo iludido de dominar o Outro e sua verdade, de simplificar e reduzir o sujeito estereotipado ou de construir uma visão idealizada que pode causar o apagamento de sua identidade. Este conceito é definitivo para que se pense nas diferentes identidades que são apagadas quando relacionam-se conceitos de gênero à condição biológica do ser humano, ou seja, o estereótipo do que seja homem ou mulher restringe a pluralidade identitária – quando trata-se de homens- e restringe e diminui socialmente as mulheres, já que estas são, historicamente subordinadas aos homens.

4. CONCLUSÕES

A proposta do projeto Género en Clase seguiu o trabalho já desenvolvido pela professora Carolina Lautensheläger. Estes, embasam-se ao conceito de educação libertária de Paulo Freire (2011), o qual pensa em uma educação humanizada dos alunos, formando pessoas autênticas de seus pensamentos, ativos e críticos. Carolina Lautensheläger é graduada em Letras-Português e Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas e atua há dez anos na rede pública (municipal e estadual) e na rede privada. A professora já ministrou aulas para mais de 26 turmas ao mesmo tempo, retrato clássico das condições de trabalho de um professor. Ao encontrá-la, foi possível visualizar resultados que corroboram com a qualidade do curso de Letras, uma vez que, mesmo diante das dificuldades que esta profissão

enfrenta, o suporte teórico e a atitude humana da professora lutam por uma educação libertária.

O ambiente escolar, de acordo com Pereira (2007), é considerado como um lugar onde as práticas sociais são produzidas, (re)produzidas e/ou resignificadas, tendo papel de suma importância na construção de identidades, já que os alunos são, de modo geral, inclinados a pensarem seus valores, sua cultura. Esta, por sua vez, de acordo com Nardi (2007), jamais pode ser pensada a partir de traços fixos, a qual forja ilusão de unidade para o comportamento individual que deveria ser um exemplar. Este trabalho manifesta a preocupação e a vontade de acadêmicas em tornar visível todos os discursos que são invisíveis e excluídos de nossa sociedade.

Enquanto resultado da proposta da disciplina de Estágio de Intervenção-Língua Espanhola, este trabalho é entendido como completo, uma vez que foram respondidas todas as questões pressupostas anteriormente. No entanto, estas experiências geraram outros questionamentos, os quais serão desenvolvidas posteriormente durante o Estágio de Regência-Língua Espanhola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUGNONE, A. L.; CAPASSO, V. C. Reflexiones y aportes para pensar la cultura en la enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras Trab. linguist. apl. [online]. Campinas/SP: 2016, vol.55, p.677-701.

DE NARDI, F. S. Um olhar discursivo sobre a língua, cultura e identidade: Reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

PEREIRA, A. L. Representações de gênero em livros didáticos de língua estrangeira: reflexos em discursos de sala de aula e relação com discursos gendrados que circulam na sociedade. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.